



GT 24. Construções biográficas como narrativas do protagonismo indígena

Coordenador(es):

Ana Flávia Moreira Santos (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Rita de Cássia Melo Santos (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Há algumas décadas o debate sobre protagonismo e “agency” vem se destacando na Antropologia, sobretudo em relação às populações indígenas. Se, por um lado, propostas vinculadas a esse movimento resultaram em uma mudança de perspectiva nos modos como essas coletividades são pensadas, por outro persiste uma dificuldade em compreendê-las como parte integrante e fundamental das múltiplas formações políticas brasileiras existentes nos períodos colonial, imperial e republicano. A outrificação e a externalidade desses grupos continuam a ser etnográfica e teoricamente produzidas, muitas vezes contrariamente à sua própria colocação política. Trata-se, em muitos casos, da manutenção de um certo exotismo, que teima em subsistir na Antropologia. Este GT pretende, ao inverso, reunir trabalhos que permitam apreender o protagonismo indígena em diferentes tempos e escalas, por meio de biografias e de modalidades associadas a essa forma narrativa (trajetórias, relatos autobiográficos, histórias de vida, etnobiografias). A escolha pelo gênero biográfico busca destacar os múltiplos trânsitos dessas populações, reconstruindo seus horizontes de possibilidade e ação a partir de situações concretas, presentes e passadas. Às contribuições teóricas do campo da Antropologia somam-se as reflexões da História, da Sociologia, dos Estudos Literários, num esforço de promover uma compreensão mais ampla do protagonismo indígena.

Manoel Novais Tuxá, o Cacique da aldeia Tuxá Kiniopará ? Ibotirama ? Bahia

Autoria: Reginaldo Cordeiro dos Santos Junior (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais), Amanda de Jesus Souza dos Santos ? Bacharel em Direito PUC-MG / Graduanda em Ciências Socioambientais pela UFMG
Nascido em 07 de março de 1947 no município de Rodelas ? Estado da Bahia, casado com Antônia Cruz Silva, pai de quatro filhos, o cacique Manoel Novais se tornou liderança ainda em Rodelas - BA com o advento da construção da Usina Hidrelétrica de Itaparica. Diante de todas as injustiças vividas por seu povo frente a obra desenvolvimentista da UHE, que já dava como certa e líquida a inundação do território da velha Rodelas (Aldeia Mãe do Povo Tuxá), cacique Manoel Novais, em 1986, juntamente com 96 famílias da velha Rodelas seguiram rumo a Ibotirama ? BA e lá fundaram a aldeia Tuxá Kiniopará. A conquista do território Kiniopará Tuxá se deu através de muitas lutas contra a empresa Companhia Hidrelétrica do São Francisco. Um homem de espírito forte e protegido, como cita seu grande braço direito, o senhor José Sebastião da Silva. Uma liderança de coragem, que não cedia ao rogo dos poderosos para que cessasse a luta e que não mandava recado, como cita a maioria de seu povo em Ibotirama. Estas são partes introdutórias da saga Tuxá de Kiniopará representada por Manoel Novais que hoje, acamado, recorda, com emoção, suas lutas, amizades, conquistas e reencontros, como o reencontro emblemático com o Grande Mestre Roque Tuxá na década de 90, que ao chegar na aldeia Kiniopará beijou o chão dizendo em alto e bom tom que aquele território era o verdadeiro território Tuxá. Histórias que se cruzam e permeiam emoções, sentimentos, lutas, vitórias, afetos e alegrias fazem parte desse contexto de narrativas biográficas que estamos produzindo sobre os/as grandes lideranças do povo Tuxá, em diálogo com o projeto ?Os Brasis e suas memórias: os indígenas na formação nacional? coordenado pelo professor João Pacheco de Oliveira UFRJ.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: